



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIENCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

GABRIELLA DA SILVA TAVARES

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO CRIANÇA:  
UM DIÁLOGO COM A LITERATURA INFANTIL**

FORIANOPOLIS – SC

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

GABRIELLA DA SILVA TAVARES

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA CONSTITUIÇÃO DA CRIANÇA LEITORA:  
UM DIÁLOGO COM A LITERATURA INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Pedagogia da  
Universidade Federal de Santa Catarina como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Lilane Maria de Moura  
Chagas

FLORIANÓPOLIS – SC

2018

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA CONSTITUIÇÃO DA CRIANÇA LEITORA:  
UM DIÁLOGO COM A LITERATURA INFANTIL**

Este trabalho de conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 21 de Novembro de 2018.

---

Profa. Dra. Patrícia Laura Torriglia  
Coordenadora do Curso de Pedagogia

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Lilane Maria de Moura Chagas  
Orientadora (MEN/CED/UFSC)

---

Profa. Dra. Rosilene Koscianski da Silveira  
Membro titular (MEN)

---

Profa. Ms Liliane Alves da Silva  
Membro titular (CA/CED)

---

Ms. Fernanda Gonçalves  
Suplente (Doutoranda PPGE/UFSC)

**Contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial, e o contador de histórias um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é o contar.**

Cléo Busatto (2003)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, que se fez e faz “presente” sempre e principalmente nos momentos que eu mais precisei de fé e coragem.

À minha mãe Márcia, por estar sempre ao meu lado, me ajudando, apoiando, acolhendo e auxiliando nesse momento tão delicado para mim.

Ao meu pai Roberto, que também se fez presente nessa fase difícil, me apoiando e encorajando com toda a paciência.

Ao meu filho Noah, que me motiva todos os dias, por me mostrar o quanto se é capaz de amar mais que a si mesmo. Por me mostrar o amor puro e verdadeiro.

À minha vó Alice e tia Neide, e aos meus queridos Oscar e Adriana, que também se fizeram presentes nessa transição, cuidando e zelando pelo meu Noah, todas as vezes em que precisei.

À minha orientadora Lilane Maria de Moura Chagas, que aceitou o desafio, me ajudando e enriquecendo essa trajetória. Por me transmitir confiança, encantamento, ensinamentos e dedicação.

A todos os professores e professoras que passaram pela minha vida acadêmica e aos que eu tive o prazer em conhecer na minha trajetória universitária com as contribuições, inspirações e conhecimentos.

A todos muito obrigada!

## RESUMO

Nesta pesquisa procuramos compreender a contação de história na constituição da criança leitora, dessa forma, nossa indagação central foi saber qual a sua importância para essa formação desde muito cedo. Para tanto, objetivamos compreender a contação de história na constituição da criança leitora investigando os referenciais teóricos que subsidiam a compreensão sobre o ato de contar histórias para crianças, bem como, conhecer a literatura já existente e formular alguns pressupostos sobre o assunto. Seguindo alguns passos da pesquisa qualitativa, realizamos uma revisão bibliográfica buscando respaldo nos referenciais teóricos de autores e pesquisadores que evidenciam a narrativa como caminho para a formação do ser humano, para seu desenvolvimento e para o desenvolvimento de sua constituição leitora. Os estudos contribuem para compreender melhor as aprendizagens e o desenvolvimento da criança, a partir do processo imaginativo, criativo e literário. Destacamos, também, o papel da educação infantil neste processo, uma vez que, se torna um lugar privilegiado de interação e socialização da criança com seus pares e com o mundo. Como resultado deste estudo, ressalta-se o aprofundamento na compreensão de que a contação de história, a literatura infantil e a mediação do adulto na educação infantil oportunizam que a criança vivencie experiências significativas da sua realidade social, sem perder de vista a sensibilidade de ser criança e ter sua infância preservada frente aos conflitos da vida real.

**Palavras- Chave:** Contação de História. Literatura Infantil. Formação leitora. Crianças Pequenas.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. NOS CAMINHOS PERCORRIDOS: UM ENCONTRO COM A LITERATURA E O ATO DE NARRÁ-LA.....	14
3. INFÂNCIA E A LITERATURA: UM BREVE PANORAMA.....	17
4. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A LITERATURA INFANTIL: INCENTIVO A IMAGINAÇÃO E A ARTE.....	22
5. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO CRIANÇA COMO LEITORA.....	34
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
7. REFERÊNCIA.....	42

## 1. INTRODUÇÃO

Este tema surgiu, principalmente por, desde muito cedo, ter contato com a literatura. Meus pais me incentivavam muito na leitura e alguns anos depois com a ingressão na Universidade, no Curso de Pedagogia, especificamente com as disciplinas de Literatura e Infância; Linguagem Escrita e Criança; Educação e Infância V: Conhecimento, Jogo, Interação e Linguagens, meu fascínio pela literatura cresceu ainda mais. Também como professora de educação infantil e mãe de um bebê de um ano e nove meses, o meu interesse foi ampliado. Assim, pode-se afirmar que a gênese dessa investigação e o interesse pelo tema da narração de história foi se configurando ao longo dessa experiência de vida e acadêmica.

A área de estudo em que se circunscreve nossa pesquisa configurou-se em três grandes áreas de conhecimento: Educação e Infância; Linguagem e Literatura. A problemática que originou essa pesquisa também surgiu com as observações de que na prática da Educação Infantil, as crianças são colocadas em rodas para ouvir histórias na função de mero passatempo, perdendo-se a possibilidade de toda a riqueza que essa ação (encontro dela com as histórias e os livros) pode gerar na sua formação humana. Desta forma indagou-se que: Qual papel do professor como contador de histórias nas instituições de Educação Infantil? Até que ponto são proporcionados momentos de roda com as crianças para que o “Era uma vez...”, a contação de história aconteça efetivamente para as crianças? Até que ponto, os professores de Educação Infantil compreendem que as crianças podem se constituir leitores-ouvintes literários desde bem pequenos? Até que ponto a preocupação com a criança ocorre considerando seus processos de constituição como seres humanos, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais? Essas são algumas das questões iniciais que nos levou a questão central - recorte de nossa investigação: Qual a importância da contação de história na constituição da criança leitora?

Desse modo destacamos os seguintes objetivos de nossa pesquisa, a saber:

**Objetivo Geral:** compreender a importância da contação de história na constituição da criança leitora.



**Objetivos específicos:** investigar referenciais teóricos que subsidiam a compreensão sobre o ato de contar histórias para crianças; conhecer a literatura já existente e formular alguns pressupostos usando como argumento a bibliografia existente.

Partimos como pressuposto que contar história é uma arte que existe há muito tempo, sendo uma das maneiras que a humanidade encontrou para se comunicar e repassar experiências as novas gerações. Herdamos as histórias dos nossos antepassados por meio da narrativa oral, que buscavam transmitir conhecimentos e valores por meio da palavra falada, com vistas a constituir o sujeito ouvinte como ser social. Nesta perspectiva, Costa (2009, p. 32) sinaliza que “É principalmente através da narrativa que compreendemos os textos e contextos mais vastos, diferenciados e complexos de nossa experiência referentes às questões da vida humana.” E nesse sentido, Chagas (2006, p. 111) compreende também “a narrativa como uma mediação no desenvolvimento da capacidade criadora dos homens”.

É extraordinário como o ser humano conseguiu diversificar essa forma de comunicação, mesmo atravessando milênios até chegar aos nossos dias. No entanto, a narrativa, o contar história, faz parte das nossas vidas prendendo a nossa atenção de tal maneira que muitas vezes não conseguimos nos desconcentrar, querendo saber o desfecho do que está sendo narrado. A história sempre terá o poder do encantamento, mesmo usada com linguagens diversas.

Quem não se encanta ao ouvir histórias, sejam elas as que ilustrem marcos histórico, científico ou contos infantis, que nos levam ao mundo da imaginação?

Estamos envolvidos no mundo em que as palavras fazem parte da nossa vida. Ao nascerem, às palavras nos chegam pelas vozes das pessoas que nos cercam e contam seus enredos com diferentes sonoridades. Vamos, com isso, nos tornando sujeitos da história e, porque não dizer, personagens reais, dos contos reais, da vida real, sendo, portanto, nosso primeiro signo de contato com as palavras de referencial do entorno do vivido e da nossa família.

Nesta relação que nos constitui como sujeitos da cultura, vamos construindo laços afetivos, eis a importância de estarmos cercados por este universo das palavras que, segundo Maria Emília López (2016), é uma trilogia amorosa que envolve na trama o adulto, a criança e o mundo. Portanto, essa trilogia merece nossa reflexão, por estar nela imbuída uma ligação importante, que tem como base a educação e a cultura.

Deste modo, seja no âmbito familiar, seja no espaço institucional, a palavra falada possibilita a construção dos vínculos de afetividade, permitindo nos apropriar de

valores culturais e sociais, bem como de novos conhecimentos para satisfazer nossas necessidades de comunicação.

É importante destacar, que a comunicação é o fenômeno mais importante do ser humano, constituindo-se como parte de um sistema simbólico da linguagem falada, escrita e gestual. Entender esse processo requer uma viagem no tempo para conhecer a história da comunicação de como se originou a fala, o desenvolvimento da linguagem e sua evolução ao longo da história. Porém, o que pretendemos tratar neste trabalho é evidenciar a importância da literatura para a criança pequena por meio da palavra falada, entendendo que desde o nascimento elas passam a fazer parte de um mundo complexo, em que o ouvir história as permite compreender e construir sentidos para o mundo ao seu redor. O que, nos leva concordar com Girardello (1998, p. 44), que define narrativa como “[...] uma instância intermediária entre o imaginário e a cultura [...]”.

A leitura do livro, a contação de história, é antes de tudo um ato de linguagem, uma forma de comunicação humana que permitirá a entrada da criança no mundo imaginário, de fantasias, de faz de conta, onde animais falam, onde existem fadas e bruxas, gnomos e gigantes, príncipes e princesas, prontos para encenarem as mais belas, enigmáticas, surpreendentes, engraçadas, tristes, inesperadas histórias, ao mesmo tempo em que se caracteriza como um momento de provocação na qual poderão viver a história pela experiência do seu personagem de referência, que as ajudarão resolver seus conflitos interiores.

As crianças estão cheias de expectativas e precisamos usar todas estas expectativas para tornar o momento da contação de história ou da leitura para e com elas, como um momento de descoberta de si e do mundo, instigando-as a uma resposta sobre o sentido que construiu sobre si mesma e sobre o mundo, nem que essa seja explicitada por um gesto, um suspiro, um olhar, uma gargalhada, um sorriso ou uma lágrima. Segundo Debus

Sherazade, Dona Benta, Tia Nastácia, Velha Totônia, Tia Isméria, são algumas das personagens que personificaram a figura dos contadores de histórias na literatura. Aquele ser quase místico capaz de seduzir a plateia pela arte da palavra transmitida através da voz e dos gestos. (DEBUS, 2006, p. 73)

São as histórias que abrem as portas para a entrada em um mundo maravilhoso, oferecendo a oportunidade de trabalhar com a memória e desenvolver, também, o lado afetivo, a oralidade, a imaginação e a arte.

Para Girardello (2003, p. 01), “garantir a riqueza da vivência narrativa nas creches e pré-escolas contribui para o desenvolvimento de pensamento lógico das crianças e também de sua imaginação”.

Neste âmbito, considera-se o ato da contação de histórias um dos instrumentos essenciais do trabalho educacional, pois auxilia no desenvolvimento integral do sujeito contribuindo para a sua formação pessoal e social, bem como, construindo futuros leitores e cidadãos críticos e transformadores da sociedade.

Considera-se que, a contação de história para a criança possibilita-lhe entender o mundo a partir de uma característica muito particular, auxiliando-a a desenvolver a capacidade de interagir com o outro através das palavras que, por sua vez, está sempre submetida a um contexto. No que tange considerar as formas de expressão e comunicação com o outro e com o mundo por meio da narrativa de um livro, pode-se dizer que esta prática de comunicação trocada com o adulto, oportuniza a criança estabelecer melhor uma relação com o mundo, para dizer de si e das coisas ao seu redor.

Abramovitch (2006) nos coloca que ouvir histórias desenvolve o potencial crítico, elevando a capacidade de memória e concentração. A criança aprende a questionar, pensar e fazer reflexões com mais facilidade, desenvolvendo a capacidade de resolver conflitos e impasses. Por meio das histórias a criança consegue demonstrar sentimentos como raiva, tristeza, alegria, medo, experimentando outras formas de ser e agir.

O narrador de histórias é um provocador, ampliando na criança seu repertório comunicativo, expressivo e cultural para que intervenha com sua interpretação sobre o contado com as palavras e com a estrutura narrativa. Por isso a importância de contar histórias para a criança desde bem pequenas, fomentando o desenvolvimento da sua inteligência e da sua interação com o mundo, além do que, a contação de história é uma fonte de divertimento e prazer.

Por tudo isso, cabe-nos a compreensão de que narrar histórias para as crianças, desde muito pequenas, influencia diretamente no processo de desenvolvimento social, cultural e intelectual, isto é, permite-a elevar sua capacidade crítica e criativa, além de facilitar sua comunicação gestual, oral, corporal, e inseri-la culturalmente.

São as histórias que, como prática interativa do cotidiano escolar, tornam-se instrumento socializador e de aprendizagem na educação infantil, na medida em que se observa como é importante a aprendizagem das crianças no momento da contação de história, tanto para sua formação humana, quanto para o desenvolvimento do pensamento lógico e da capacidade criativa, inventiva e cognitiva.

Portanto, nossa pesquisa se configurou seguindo alguns aspectos da pesquisa qualitativa com base na investigação bibliográfica seguindo alguns passos: definição de alguns conceitos principais (investigamos referenciais teóricos que subsidiam a compreensão sobre o ato de contar histórias para crianças), definição das palavra-chave (narração/narrativa de histórias) para busca em banco de dados (online) – Repositório PPGE – UFSC e realização da pesquisa bibliográfica em autores que evidenciam a importância da contação de histórias para as crianças, desde muito pequenas.

Assim, pensando em nossa pesquisa, realizamos uma busca no site do PPGE – UFSC (Programa de Pós Graduação em Educação) e organizamos um quadro com as dissertações encontradas usando como palavra chave: **narração/narrativa de história**.

<b>A narrativa como caminho de formação: um estudo sobre a arte de narrar, a experiência e a imaginação na escola.</b>	FERREIRA, Carolina Arruda	O trabalho aqui apresentado se vincula à linha de pesquisa Educação e Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Teve como objetivo explorar a relação entre uma formação escolar centrada em narrativas e o desenvolvimento de processos de subjetivação.
<b>Literatura infantil em sites educativos: um olhar sobre a formação do/a leitora dos anos iniciais.</b>	SILVA, Elika da	Esta pesquisa busca contribuir para os estudos acerca da importância da literatura infantil em diálogo com as mídias digitais no espaço escolar. Tem como objetivo analisar a configuração dos sites educativos que trazem a temática da literatura infantil, verificando como o literário se evidencia.
<b>As narrativas das crianças sobre tempos e espaços escolares: a experiência de chegada na escola.</b>	MENDES, Samantha Santos	Esta dissertação apresenta como objetivo principal, compreender, a partir das narrativas das crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, como são significados os tempos e os espaços escolares na experiência de “chegada à escola”.
<b>A narração de histórias no espaço escolar : a experiência do Pró-Leitura.</b>	UMBELINO, Janaina Damasco	A presente dissertação analisa aspectos da narração de histórias em um contexto em que ela é praticada de forma

		institucionalizada em uma escola, compondo o quadro de disciplinas.
<b>Infância, criança, escola nas pesquisas educacionais sobre narração de histórias.</b>	COSTA, Caroline Machado	Buscou-se, neste estudo, caracterizado como uma "monografia de base", compreender como são abordadas as relações entre educação, criança, infância e narração de histórias na escola em dissertações de mestrado na área de Educação.
<b>Quem conta um conto... : a narração de histórias na escola e suas implicações pedagógicas.</b>	BELLO, Sergio Carneiro	Esta dissertação procura fundamentar teoricamente a prática da narração de histórias na escola. Apóia-se em um estudo bibliográfico e em depoimentos de outros seis educadores que se utilizam desta prática. Busca-se estabelecer relações entre a linguagem oral e a linguagem escrita, e suas implicações nos processos de letramento.

O que evidencia esse quadro é o contexto em que a narração pode ser investigada- não somente se enquadrando na contação de história, mas também mediante a narração das próprias crianças, buscando compreender suas próprias narrativas, o espaço de seu desenvolvimento, as rotinas, a concepção de infância, criança, constituição de ser leitor, ouvinte de histórias, entre muitos outros aspectos. Esse levantamento inicial (quadro acima apresentado) objetivou-se em nossa investigação na constituição de referenciais teóricos iniciais que subsidiam a compreensão sobre o ato de contar histórias para crianças, bem como, no próprio movimento da pesquisa, ser necessário conhecer um recorte da literatura já produzida e posterior estudo e investigação formular alguns pressupostos com base na bibliografia existente.

Por fim, este trabalho de conclusão de curso foi constituído em quatro capítulos, que discorre sobre a importância da contação de histórias e da literatura na Educação Infantil e na prática pedagógica do professor. Ao abordar sobre este tema, sentimos a necessidade de realizar um breve histórico sobre a literatura infantil, bem como, estabelecer um diálogo com algumas pesquisas que atualmente tem buscado a compreensão da criança, da infância e da prática de contação de história nas instituições formais de ensino. Apresentamos esses estudos diluídos em nossa reflexão, uma vez que, eles oferecem a compreensão da prática de contação de história para as crianças

como instrumentos que estimula sua formação como sujeito social e histórico e futuros leitores.

No capítulo dois iremos abordar sobre os caminhos percorridos e a importância da literatura e a narração de história para a constituição da criança leitora. O capítulo três trás um breve panorama sobre a infância e a trajetória histórica da literatura infantil e sua importância para a constituição da criança como sujeito da cultura. O capítulo quatro aborda sobre a contação de histórias e a literatura infantil como um incentivo a imaginação e a arte. No quinto e último capítulo trouxemos a contação de história na Educação Infantil e a sua contribuição na constituição do sujeito criança como leitora, ressaltando como as histórias fazem parte da vida das crianças desde cedo, alimentando a imaginação e a fantasia.

## **2. NOS CAMINHOS PERCORRIDOS: UM ENCONTRO COM A LITERATURA E O ATO DE NARRÁ-LA.**

Qual a importância da contação de história na constituição da criança leitora? Com este questionamento, fruto das muitas inquietações como professora de crianças pequenas, como estudante do Curso de Pedagogia, como aluna nas disciplinas de linguagem Escrita e Criança, Literatura e Ensino no Curso, fui tecendo muitas indagações, algumas possíveis de serem respondidas ao tecer esse trabalho de conclusão de Curso, e outras possivelmente somente no dia a dia da prática aliada a reflexão teórica poderão ser respondidas. Deste modo, em nossa pesquisa, para compreender e aprofundar sobre a temática de nosso interesse optamos em fazer uma revisão bibliográfica, para situar a importância da contação de história na constituição desse sujeito criança e na constituição da sua formação leitora.

Durante a trajetória, encontrei alguns caminhos percorridos por autores que me ajudaram a entender que contar história não se traduz apenas em sentar em frente aos ouvintes e “deixar a voz sair”. A contação de história constitui-se como; um encontro único, individual e coletivo, isto é, um diálogo que permite tanto a quem conta quanto a quem ouve estabelecer um elo de comunicação e partilham em que acontece troca de emoções, alegrias, ansiedades, risos, choros, medos, ao mesmo tempo em que toca a alma, no sentido particular, ajudando cada um resignificar a sua própria história.

Dada esta compreensão, fomos buscando o aprofundamento a partir do método de pesquisa qualitativa, tendo como base a investigação descritiva e bibliográfica por entender, à luz do que nos coloca Gil (1999, p. 42) que “a pesquisa bibliográfica é o conjunto das produções escritas para esclarecer as fontes, ou seja, é toda a literatura originária de determinada fonte ou a respeito de determinado assunto”.

E como toda pesquisa, tem como objetivo fundamental descobrir possíveis respostas para os problemas que surgem na sociedade buscou dialogar com os autores do tema em questão, pela grandeza das obras produzidas e por estarem relacionados às minhas inquietações. Minayo (apud Chagas, 2006, p 33), explica que a construção do problema a investigar tem a ver com a vida prática. Pois,

[...] nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos. (MINAYO apud CHAGAS, 2006, p 33).

Neste sentido, Gil (1999, p. 42) define que a “pesquisa social como processo, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social”.

Foi pensando nestes vieses que se deu nosso encontro com o teórico da psicologia, proponente da Psicologia Histórico Cultural Lev Semyonovich Vygotsky. Vigotski (2001) afirma a importância de se contar histórias para as crianças, pois para ele os aspectos emocionais serão sempre reais. Deste modo, os contos de fadas se conformam em arte infantil e seu papel deixa de ser moralizante e de ter a função de ciência. “Como a brincadeira, o conto de fadas é uma educadora estética natural das crianças” (VIGOTSKI, 2001. p. 361).

Na linha de pensamento deste teórico, a pesquisadora Gilka Girardello (2011) ressalta a importância da narrativa para as crianças, evidenciando este momento de partilha como uma instância intermediária entre o imaginário e a cultura. Para a pesquisadora, a narrativa, o contar história, caracteriza-se uma experiência maravilhosa, em que acontece uma abertura para o inesperado, para a alegria, para o imaginário, em que as palavras brincam com as crianças, pois a história traz engenhosidade e surpresa.

Do mesmo modo, a pesquisadora e autora Fanny Abramovich (1989, p.16) evidencia a importância das histórias para as crianças, “escutá-las é o início da

aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.”.

Maria Emilia López pesquisadora e especialista da primeira infância evidencia a importância da literatura para as crianças enquanto arte. Para esta autora, os livros são para as crianças poesias e arte e por meio da literatura a criança desenvolve suas capacidades metafóricas, de memória, de percepção, de atenção, construindo sentido e significado de si e do mundo.

Também, Carolina Machado Costa (2009) contribui com sua pesquisa sobre a importância da narração de história para crianças, evidenciando que a narração de histórias se constitui como um veículo de interação entre a fantasia e a realidade. Para esta pesquisadora a narração de histórias propicia à criança um olhar diferenciado para o mundo a sua volta, em que todos os elementos estéticos passam a ser percebidos possibilitando uma reinvenção do presente para projetar o futuro. Assim sendo, a narrativa contribui de modo notável para a humanidade, servindo “como mola propulsora para que todos os seres humanos possam transformar a realidade”. (COSTA 2009, p.108).

Os estudos de Chagas (2006) apresentam a importância do campo educacional na constituição da linguagem humana, trazendo as narrativas como alternativas para pensar e discutir a educação escolar. Além desse aspecto, a pesquisadora aborda questões que podem contribuir para a qualidade da educação, visando gerar alternativas para melhorar ou compreender a partir da perspectiva histórico cultural o desenvolvimento da linguagem e comunicação das crianças.

A leitura da dissertação de Liliane Alves Silva, intitulada *A roda de histórias: pelo direito de viver a infância no Colégio de Aplicação-UFSC*, embora tenha sido uma pesquisa com as crianças do Ensino Fundamental, nos possibilitou conhecer como a pesquisadora organizou os dados, como ouviu as vozes das crianças no processo da narração e da própria pesquisa e, sobretudo, conhecer as diversas problematizações que surgiram na complexa relação entre as crianças, os adultos e a narração de histórias na escola. Ressaltamos também, a defesa que a autora faz de se garantir, no contexto escolar os espaços e tempos necessários para a narração de histórias para e com as crianças. Para ela, a garantia desses espaços contribui para a construção de uma escola mais poética, estética e humana (SILVA, 2018).

A partir dos estudos dos autores e pesquisadores mencionados constatamos, o quanto a fantasia, a imaginação e a alegria estão presentes no ato de narrar histórias para



as crianças e o quanto os livros infantis também são importantes na vida escolar e familiar delas. Hoje, independente do contexto em que se insere, a prática de contação de história caracteriza-se como fonte de prazer, não tem idade, não tem gênero, não tem raça.

### 3. INFÂNCIA E A LITERATURA: UM BREVE PANORAMA.

A opção por abordar a trajetória histórica da literatura infantil constitui-se no fato de refletir sobre a sua importância na constituição da criança como sujeito da cultura, na medida em que este tema tem impulsionado as pesquisas acadêmicas científicas na contemporaneidade.

É fato que as pesquisas realizadas sobre o tema da literatura infantil não descaracterizam a essência dos textos literários produzidos no passado, pois as histórias infantis como os contos de fadas, fábulas, folclore, são contos maravilhosos que nos encantam e comovem nos dias hoje e, portanto, devem estar presentes nos espaços escolares, principalmente na educação infantil.

Por este motivo podemos considerá-los verdadeiras obras de arte, lembrando sempre que seus enredos falam de emoções comuns a todos nós como: inveja, medo, ódio, ciúme, ambição, rejeição e decepção, e podem ser compreendidos e vivenciados pela criança através das emoções e da fantasia quando com elas são compartilhadas.

Kehl (2006, p. 16) ressalta que,

As modernas versões dos contos de fadas, que encantaram tanto nossos antepassados quanto as crianças de hoje, datam do século XIX. São tributárias da criação da família nuclear e da invenção da infância tal como a conhecemos hoje.

Com isso, concordamos com Chauí (1996, p. 170), ao mencionar que processo investigativo demanda de novos temas, novos estudos, novas abordagens, “(...) não por serem novos nem por que sejam garantidas de ocupação, (...) mas porque fazem sentido, corresponde às necessidades reais que pedem interpretação e compreensão.”

Igualmente, história é sempre história e contá-las é se aventurar, viajar e embarcar numa viagem que pretendemos conhecer, ou que já conhecemos, mas ao recontá-la produzimos novos sentidos para ela. Por este motivo, que mais uma vez contaremos um pouco, mesmo que breve, dessa viagem na história que reconhece a

criança como alguém com características singulares dos adultos, que merece ser reconhecida na sua legitimidade histórica, social, cultural e geracional.

Cabe considerar que o ser criança é uma condição da categoria infância, que é proveniente de uma construção social e histórica. A compreensão deste fenômeno se evidencia de acordo com as constantes mudanças na sociedade, relacionadas à inserção concreta da criança no meio cultural, que teve início na transição do século XVII para o XVIII. Até este período elas eram reconhecidas como pequenos adultos, possuidores de tarefas e cuidados semelhantes aos de um adulto. O significado e o papel social da infância foram construídos posteriormente, uma vez que até este período da história todas as atividades eram compartilhadas com as pessoas mais velhas, inclusive a cultura literária. Como afirma Regina Zilberman (1985, p. 13),

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre os membros.

Assim, com a ascensão da burguesia, ocorreu uma reestruturação familiar, onde a criança passou a ser reconhecida como indivíduo diferente do adulto, inclusive com atribuições diferentes destes. Consideramos com isso que o século XVIII tornou-se um marco referencial para a infância, sendo os olhares voltados para as mesmas, passando a ter um caráter de separação dos adultos. Portanto, há um divisor de águas no que concerne esse novo momento histórico infantil e seu universo social, inclusive para a literatura da época, pois a literatura infantil surgiu no século XVII com Fenélon (1651-1715), tendo como função educar moralmente as crianças. Debus (2004, p. 176) reforça essa compreensão ressaltando que “O livro e a produção literária para crianças, como produtos culturais, são marcados historicamente pelo “sentimento de infância”, datado na Europa do final do século XVII, início do século XVIII, e consolidado no século XIX.” Neste sentido cabe o entendimento de que foi a partir do século XVIII, que a literatura infantil se concretiza como gênero.

Os contos que conhecemos hoje em dia surgiram na França, no final do século XVII, com Perrault, que adaptou as narrativas contadas pelos camponeses. Charles

Perrault moralizou as histórias e adequou aos conceitos sociais que eram vividos na época. Grande parte dos contos de fadas, fábulas e outros textos da época, possuíam uma estrutura maniqueísta, no qual demonstrava claramente o bem a ser aprendido e o mal a ser desprezado. Cabe citar neste contexto alguns clássicos que fizeram parte dessa geração e que estão presentes em nossos dias, como Andersen e os irmãos Grimm.

Charles Perrault (na França), posteriormente Andersen (na Dinamarca), buscaram dentro dos seus estudos da literatura para as crianças, passar padrões de comportamento que deveriam ser adotados por elas para moralização de uma nova sociedade onde todos os homens deveriam ter direitos iguais. Seus contos foram baseados na tradição popular, especialmente no que Andersen ouvia durante a infância, mas com uma diferença de transmitir as histórias que foram histórias vividas na pele por ele próprio, servindo-se de protagonistas para os contos criados por ele. Como por exemplo, o Patinho Feio, retrata poeticamente sua própria infância. Outras narrativas importantes como A Sereiazinha, O Soldadinho de Chumbo e a Vendedora de Fósforos. A quem considere que Andersen é um dos primeiros escritores a escrever para as crianças.

Os Irmãos Grimm - Jakob Ludwig Karl e Wilhelm Karl Grimm - (na Alemanha) marcaram um período de grandes mudanças no cenário das produções literárias para as crianças. São reconhecidos no mundo inteiro pela qualidade dos contos que produziram, desde o começo do século XIX. Os irmãos Grimm buscavam respaldo para escrever suas histórias à luz das experiências vividas pelos camponeses, amigos e parentes. Muitas histórias escritas foram imortalizadas e até hoje são contadas para as crianças no mundo inteiro como, Branca de Neve, Gata Borralheira ou Cinderela, A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, O Pequeno Polegar entre outras. Os contos dos irmãos Grimm são enquadrados no gênero fantástico, por apresentarem personagens e cenários imaginários.

Com o passar dos tempos, outros olhares se voltaram para este tipo de escrita, onde o imaginário e a fantasia fossem foco para atingir o público infantil de maneira lúdica, possibilitando à criança a aceitação dos seus medos e perdas, bem como, conhecer o amor e o valor de uma amizade. O reconhecimento desta linguagem de comunicação para o público infantil tornou-se um processo abrangente e complexo, sendo que as primeiras produções foram realizadas por professores e pedagogos no final do século XVII e durante o século XVIII.

Neste âmbito, cabe ressaltar que uma história traz consigo inúmeras possibilidades de aprendizagens sendo este o foco da inserção da literatura infantil no

Brasil, que mesmo sobre a influência das obras de Perrault, Andersen e na reunião de conto de fadas feitas pelos Grimm, que evidenciava a linha dos valores como uma forma de descrever sobre o que se deve ou não fazer e também de normas comportamentais que deveriam ser adotadas pelas crianças, a literatura para as crianças no Brasil veio ganhando visibilidade e ciência, e hoje não perde de vista a fruição, a imaginação, a arte, a estética e a fantasia.

Estudos realizados por uma nova geração de pesquisadores (ZIBERMAN, 1984, ROSEMBERG, 1985, MORTATTI, 2011, COELHO, 2000, GIRARDELLO, 2014, DEBUS, 2004) revelaram que o período de inserção da literatura infantil no Brasil inicialmente foi pensada sobre a égide do ensino, sendo dividida em quatro Fases, onde a primeira aconteceu no final do século XIX e início do século XX, evidenciando que até a década de 1970 os gêneros literários apresentavam um caráter “didatista”, “pedagogizante”, “moralista” e “utilitário”. Pelo que se tem registro, foi uma época de preocupação com a modernização do país e se tinha a escola como responsável por incentivar os valores patrióticos, principalmente nas crianças, sendo a escola uma das responsáveis por alcançar esses objetivos.

Para Debuss (2004, p. 176)

No Brasil, somente nas últimas décadas do século XIX, os primeiros títulos organizados para a infância começam a circular, pelas mãos do livreiro José da Silva Quaresma, arguto comerciante que, ao pressentir a carência do mercado editorial, encomenda a Figueiredo Pimentel e Carlos Jansen narrativas adaptadas do acervo europeu, revestidas da cor local (LEÃO, 2001).

A segunda Fase ocorreu no período de 1920-1945. Período em que o Brasil enfrentava um índice de analfabetismo muito alto e era considerado um país atrasado. Para conseguir reverter essa imagem, foi proposta uma reforma educacional criada pela Escola Nova. A proposta visava o ensino intelectual e pragmático, sendo as obras de Monteiro Lobato um referencial da época.

Neste período, os livros de literatura infantil objetivavam despertar nas crianças fantasia e imaginação, porém o interesse dentro desse quesito deveria estar em consonância com a transmissão de valores voltados para o bem, o belo e o justo.

A terceira Fase demarca década de 1950 e 1960. Período em que ocorreu no campo educacional a reforma de Capanema que estava em vigência até que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovada em 1961. Essa lei modificou o

quadro educacional no país principalmente para as questões voltadas a formação dos professores. O objetivo pungente da época estava voltado para a alfabetização das crianças, segundo o qual os docentes deveriam estar preparados para realizar tal tarefa, sendo os livros de literatura infantil as ferramentas dessa prática. Nesse mesmo período com o golpe militar no país, a literatura infantil voltou a ter um caráter conservador, com vistas ao patriotismo nacional.

A Quarta Fase o período compreendido entre 1970 e 1980, foi marcado por grandes transformações. Mesmo a literatura infantil tendo um formato educativo voltado para a alfabetização, recuperou-se o folclore oral representado pela abordagem das modinhas infantis, canções de ninar e das brincadeiras de roda.

Um novo período marca o cenário nacional onde a qualidade estética nas produções literárias para as crianças passam a ser foco de estudo e pesquisa. No âmbito da educação, o professor teria a possibilidade de apresentar o mundo mágico da literatura como suporte para as atividades de alfabetização.

Diante dos dados apresentados, podemos dizer que a concepção histórica dada para literatura infantil no Brasil seguiu diferentes nuances quanto a sua função e originalidade. Foi nas obras de Monteiro Lobato que o início de mudanças da literatura infantil como foco no gênero literário para as crianças começaram acontecer.

Segundo Debus, (2004, 176),

Nas primeiras décadas do século XX, Monteiro Lobato produz narrativas que rompem com uma visão eurocêntrica e, introduz o nonsense em terras brasílicas. São livros literários destinados à infância, capazes de educar e recrear.

Como pode ser visto este autor trazia como princípio que "Um país se faz com homens e livros." Portanto, muitos dos seus livros apresentavam personagens especiais e seus textos eram direcionados ao público infanto-juvenil.

Outro tipo de literatura para essa categoria geracional foi o folclore, que também traziam textos infantis mostrando o mundo brasileiro. Algumas obras possuíam caráter pedagógico, apresentando a ideia de mudar a mentalidade das crianças no intuito de elevar o caráter cultural e social do país, na intenção de igualar o Brasil aos países desenvolvidos.

Tendo em vista a pouca idade da literatura infantil brasileira, pode-se considerar que se observa, dentro das tendências apresentadas na produção literária para as crianças no Brasil, concepções que vão desde o realismo, a concepção da fantasia como caminho para o questionamento de problemas sociais, a do reaproveitamento do folclore e a da exploração de fatos históricos. No entanto compreendemos que a preocupação com a produção da Literatura Infantil, que visa o olhar para fruição, está na agenda dos pesquisadores preocupados em evidenciar a sua importância como instrumento fundamental para aguçar o sentido crítico, ampliar a visão da vida e aumentar a perspectiva do mundo pelas crianças.

Não podemos negar esses avanços dentro da compreensão de que a literatura infantil é fonte de múltiplas aprendizagens para a criança na atualidade, porém não podemos negar, também, que grande parte da produção literária para a infância no Brasil ainda trás consigo uma excessiva preocupação pedagógica.

#### **4. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A LITERATURA INFANTIL: INCENTIVO A IMAGINAÇÃO E A ARTE**

Mediante as mudanças históricas apresentadas acerca do caráter moral dado a literatura infantil na formação da criança, destaca-se a sua importância na atualidade, uma vez que pesquisas (VIGOTSKI, 2001, GIRARDELLO, 2014, ABRAMOVICH, 1991) apontam aspectos significativos quanto a sua contribuição no processo de desenvolvimento da criança. Para Vigotski (2001) a utilização da literatura na educação como atividade moralizante, desviando a atenção da criança unicamente para a dimensão moral, fazendo-se necessária a compreensão de que a Literatura Infantil é a arte cujo instrumento de expressão é a palavra e, portanto, deve ser compreendida como marco inicial da formação pessoal e cultural da criança.

Cabe considerar ainda que com o auxílio do livro, particularmente do livro infantil, poderemos influir sobre a vida afetiva e estética da criança, já que o livro infantil ocupa um lugar privilegiado, pois é o ponto de encontro entre duas artes, a da palavra (texto) e a da forma (ilustração), de modo a aumentar a compreensão e a eficácia do livro. Por esta razão, concordamos com Spengler (2017, p. 26) ao chamar a atenção quando evidencia que, “A ilustração, que compõe o livro ilustrado junto com a

palavra, pressupõe a presença do texto escrito, o livro de imagens, por sua vez, é aquele que traz a história narrada somente pelas ilustrações”<sup>1</sup>.

Hoje, se reconhece que o momento de contar e ouvir história abarca uma nova concepção, trazendo à tona uma função científica e pedagógica voltada para fruição da criança. Contar e ouvir histórias permite trabalhar com os aspectos emocionais da criança, possibilitando lidar com seus medos, alegrias, tristezas, frustrações, euforias, desejos e inquietações, além de ser um grande incentivo à imaginação e a arte.

Leite (1999, p. 16) endossa tal compreensão evidenciando que,

Desde a sua origem, a literatura infantil, esteve mais ligada à pedagogia do que à arte. Por isso, dentro do panorama literário, o livro infantil, durante muito tempo foi considerado uma obra menor destinada a passar conceitos e normas de condutas sociais, não uma obra artística que trabalha o imaginário das crianças.

O que se observa, é que a maioria dos livros destinados à criança tem a intenção de passar modelos de toda espécie, sendo importante oferecer no momento do contar e ouvir história, literaturas que permitam a criança criar seus personagens, heróis, príncipes e princesas. Quanto mais elas ouvem histórias que instiguem sua curiosidade, mais serão desenvolvidas suas capacidades cognitivas, permitindo viajarem por um mundo criado por sua imaginação.

Coelho (2000, p. 84) sinaliza que,

As histórias contribuem para que a criança entre em contato de maneira lúdica com diversas formas de sentir e ver o mundo, bem como, a ajuda lidar com questões de aspectos emocionais, sociais, intelectuais, entre outras questões.

Dado este entendimento, podemos considerar que o livro infantil ocupa um lugar privilegiado na formação integral das crianças, pois, é ponto de encontro entre a imaginação e a arte. Para Costa (2009, p. 49),

---

<sup>1</sup> Para aprofundar sobre a temática de livro de imagens e livro ilustrado Cf. SPENGLER, M. L. P. **Alçando Voos Entre Livros de Imagem: O Acervo do PNBE para a Educação Infantil**. Tese de Doutorado. Orientadora, Eliane Santana Dias Debus - SC, 2017.

A imaginação eleva a atividade criadora e se utiliza das experiências do passado para elaborar o presente e modificar o futuro. A imaginação, portanto, cria algo novo tanto na ciência como na arte, tornando o homem um ser capaz de redimensionar sua própria existência.

Para que o envolvimento que encanta os corpos e faz fruir a alma aconteça, quebrando a rigidez mecânica dos atos calculados, faz-se necessário a escolha de uma literatura infantil que envolva as crianças de modo que possam vivenciar com intensidade o momento da contação. Para isso, esse momento deve ser preparado cuidadosamente deixando evidente que o livro é parte da nossa vida. Meireles (1979, p.28) faz a seguinte colocação sobre o livro infantil,

Ah! Tu livro desprezioso, que na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu sim, és um livro infantil, e o seu prestígio será na verdade imortal.

Assim, ao utilizarmos o livro para contar histórias, algumas reflexões devem ser feitas com o ouvinte-leitor, além de apresentar o título, o autor, o ilustrador, discutir sobre a capa, o formato do livro, o tamanho das letras, o tipo, a edição, a editora. Estas reflexões implicam na construção do sentido de autoria por parte da criança, o acesso e o contato com os livros são elementos essenciais para despertar na criança o prazer por ouvir história. As histórias tem o poder de encantar, fascinar e oportunizar ao leitor ou ao ouvinte adquirir conhecimento de si próprio e do mundo que lhe cerca, possibilitando aprendizagens e desenvolvimento. Isso implica reconhecer o que nos coloca Menegazi e Debus, (2018, p.10) ao destacar que, “Os acabamentos gráficos também são mais um dos elementos que podem proporcionar livros que ampliam a experiência de leitura da criança e seu interesse pela literatura”.

MIRANDA (1979 apud MEIRELES, 2001, p.89) ainda complementa que encantar por meio da leitura de um livro infantil torna-se “[...] um exercício de poética e beleza, que é escrito para qualquer pessoa e que possa agradar as crianças.”.

Os livros oferecem divertimento e revelam curiosidades às crianças. Por este motivo não devem ser entendidos somente como um passatempo, mas como uma iniciação da criança no mundo que traz ensinamentos e nutre a sua imaginação. É através desse mundo mágico de sonhos e fantasias, com personagens heroicos e cheios



de cenários encantados, que ela se identifica, compreende e busca sua própria história, transpondo os limites do mundo mágico para o seu mundo concreto e real.

Segundo Cunha (1991, p. 57) “De um modo geral, a literatura amplia e enriquece a nossa visão da realidade de um modo específico”. Permite ao ouvinte e ao leitor vivenciar intensas aventuras e ao mesmo tempo contemplar de forma crítica as condições e possibilidades da existência humana.

Contar história é uma arte que encanta quem as ouve, pois trazem novas experiências a quem as vivencia. Muitas são as estratégias utilizadas pelo contador para envolver o seu ouvinte no enredo da fantasia e da imaginação, na medida em que o contador e o ouvinte compartilham juntas as emoções que a história transmite, caracterizando-se um momento de troca e interação.

Para Girardello (2007) é através da interação: no contar e recontar história para crianças seja através do nosso corpo, da nossa própria voz, que deixamos emergir a nossa cultura, intencionalidade e motivação, permitindo as crianças experimentar uma vivência imaginária singular.

Com este entendimento, destaca-se, que igualmente a importância de ouvir uma história, ao narrá-la o contador realiza um convite a todos que as escutam, permitindo experimentar novas aventuras, conhecer novas emoções, novos lugares, novos heróis, enfim novos enredos de personagens que só vivem porque a história foi contada e ouvida por alguém.

Costa (2009, p.44) explicita que,

A história narrada pode não ter acontecido na realidade (apesar de seus elementos serem tirados da realidade) e o enredo pode ser uma fantasia, mas as emoções que elas transmitem no momento em que são narradas, tanto para quem narra como para quem escuta, são verdadeiras e trazem novas experiências a quem as vivencia.

Desse modo, contar e ouvir história causa impacto no psiquismo das crianças, porque trata das experiências cotidianas permitindo a identificação do contador ou do ouvinte com as dificuldades e alegrias do herói, cujos efeitos narrados expressam a condição humana diante das provações da vida. Os sonhos e desejos, as imagens e ideias de cada personagem correspondem à concepção que cada um tem de mundo. Neste sentido, para Chagas (2006, p.101), com base nos estudos de Regina Machado (2004) defende que

[...] as narrativas tradicionais são verdadeiras obras de arte de tempos imemoriais, transmitidas oralmente e posteriormente por escrito, ao longo dos séculos, pelas diferentes culturas e de geração para geração. Viajavam na memória e na melodia da voz particular de cada narrador. Vale lembrar a esse respeito que as culturas orais, bem como as culturas letradas, na medida em que conservaram as práticas orais, possibilitam à narrativa desempenhar um papel fundamental. Talvez por isso ela provocasse e provoque experiências singulares, particulares e universais, fazendo com que as diferentes culturas mantivessem seus acervos de narrativa para comunicar-se e conservar sentidos compartilhados que se modificam, em constante movimento e revisão, em diferentes momentos históricos.

Sendo assim, compreender o quão importante é a contação de histórias na constituição do sujeito criança, torna-se uma necessidade, pois ambos, contador e ouvinte, são cúmplices de novos conhecimentos, uma vez que, toda história pressupõe da realidade e experiência dos sujeitos envolvidos, pois ao ouvirem histórias ambos os sujeitos usufruem de uma arte e compartilham suas culturas e outras culturas distantes.

Ainda nessa linha de pensamento, Chagas, salienta que

[...] os processos históricos vão colocando novos elementos e novas formas, é o presente que nos instiga e nos leva a perguntar e a questionar sobre a realidade. Resgatar as narrativas, compreender seus nexos, seu processo de transformação, seus desdobramentos como uma atividade fundamentalmente humana, e inerente a nossa genericidade, ajuda a encontrar os aspectos e as circunstâncias que possibilitam compreender e explicar por que a arte de contar histórias foi mudando na complexidade das relações e adquirindo novas “fisionomias”. Poderíamos perguntar: Qual é o segredo de contar e recontar histórias? A palavra dá sustentação ao fio do tempo, a repetição não é uma mera memorização da experiência coletiva, o contar, o recontar traz um acúmulo de situações e de sentimentos que vão mostrando partes da vida e parte da cultura dos tempos passados. Mas também a ele se incorporam elementos do presente, como uma necessidade inerente à projeção da vida, dos momentos que o contexto histórico, as relações sociais colocam para compreender ou elaborar o concreto hic et nunc ou questões mais amplas e gerais da vida coletiva.

Por isso, quanto mais cedo à criança for envolvida no mundo das histórias, mais cedo poderá se apropriar de elementos da cultura e saberes historicamente acumulados pela humanidade, adquirindo informações que ajudarão na elaboração de novos conhecimentos, além de ser uma fonte de lazer e diversão. Desta forma, ressalta Girardello (2003) que,

(...) é ouvindo histórias (lidas e também contadas livremente, inspiradas na literatura ou na experiência vivida) e vendo ouvidas as suas próprias histórias que elas aprendem desde muito cedo a tecer narrativamente sua experiência, e ao fazê-lo vão se constituindo como sujeitos culturais (GIRARDELLO, 2003. p.10).

Vigotski (2001) explicita com clareza este entendimento ao evidenciar que, a contação de história caracteriza-se como um momento que envolve a arte e tudo que a envolve é fantástico ou real, porque tudo é convencional e a realidade da arte significa apenas a realidade daquelas emoções a ela relacionadas.

Diante disto, compreendemos que a combinação entre realidade e fantasia propiciada por meio da contação de história, possibilita a criança ocupar um lugar em que as palavras têm o poder de envolver e levá-la, como em um “tapete mágico”, para outras dimensões que ofereçam a condição do seu amadurecimento, visto que, por meio do sentir, do imaginar, do sonhar a criança estabelece combinações de elementos da sua realidade com a imaginação, passando a enfrentar seus conflitos, e com isso, apagando qualquer limite que separe o fantástico da realidade (COSTA, 2009), além do que, disponibiliza a criança o contato com o belo, com a arte, com o encantamento.

Para Costa,

A narração de histórias é, portanto, uma experiência pulsante, dialética, na qual os pensamentos e as emoções são reelaborados no momento da escuta da história. Esse pensamento volta à realidade a partir da criação de novas combinações. Assim, a experiência alimenta a imaginação ao mesmo tempo em que a imaginação alimenta a experiência. Quanto mais rica a experiência humana, mais humano o sujeito se torna. (COSTA, 2009, p.45)

Nesse sentido, a contação de história caracteriza-se como um momento interativo em que a criança reelabora seus pensamentos e emoções buscando satisfazer suas necessidades e construindo sua identidade pessoal. Além do que, a contação de história, abrange um sentido pedagógico amplo, que é o de propiciar ao leitor ou ao ouvinte da história, uma nova visão da realidade, com vistas a estimular o exercício da mente de maneira divertida e agradável, sem perder de vista elementos da realidade.

Esta concepção nos permite compreender, também, que outra característica que define a contação de história é o poder de despertar a imaginação e a criatividade do ouvinte ou do leitor, que embalado nos enredos dos personagens são convidados a experimentar novas aventuras, conhecer novas emoções, novos lugares, novos heróis, enfim, a viver um mundo de magia pela história contada por alguém, proporcionando momentos prazerosos.

Abramovich (1997, p. 24) considera que "[...] ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores, é encantamento, sedução”.

Girardello (2003) enfatiza que,

A narração oral de histórias é uma forma de arte que só existe plenamente no momento da performance. Como a dança, o teatro e o canto, deixa apenas rastros incompletos de sua passagem nos suportes físicos que tentam guardá-la. Sua imprevisibilidade é a medida de sua vitalidade, pois só ocorre plenamente no encontro com o receptor. Uma boa metáfora para isso é o rouxinol do clássico conto de Andersen, cujo canto livre irritava tanto o maestro da corte, que este reclamava ao Imperador: “nunca se sabe, majestade, o que ele vai cantar!”, e por isto julgava-o inferior ao rouxinol mecânico capaz de repetir dezenas de vezes a mesma melodia. Isso não significa descuido formal, ao contrário: só o passeio atento pelas imagens da história e a pesquisa prévia dos recursos verbais e corporais mais adequados a sugerir-las às crianças pode gerar a tranquilidade necessária à partilha “conspirativa”. O que estou chamando de imprevisibilidade é o oposto da rigidez de uma narração presa apenas à forma superficial do texto. (GIRAR DELLO, 2003. p. 05).

Assim, podemos compreender, o quanto é importante para o processo de desenvolvimento e conhecimento da criança ouvir histórias, pois esta permite um exercício constante do uso das suas capacidades imaginativas e cognitivas, auxiliando para que encontrem no mundo o seu lugar e possam nele se expressar de forma criativa e crítica. Segundo López,

Então, a criança começa a “ler”: lê vozes, sons, gestos, espaços, lê o tom corporal de quem a carrega, lê cheiros, lê com todos os sentidos. Lê ininterruptamente, até que começa a emergir a fantasia, essa mesma fantasia ou espaço imaginário que a mãe, ou outro adulto, facilitou quando tranquilizou, organizou e deu sentido ao que parecia caótico. (LÓPEZ, 2016, p. 18)

O ouvir precede o ler, desta maneira o estímulo ao ouvir histórias deve acontecer desde os primeiros meses de vida, pois se sabe que mesmo o bebê estando no ventre da mãe já é sensível à sua voz. Neste contexto, podemos afirmar que a narração e o contato com o livro infantil constitui a principal fonte de entrada da criança no mundo.

Para Gonçalves (2016, p. 1),

[...] as crianças desde a mais tenra idade são potentes e tem o direito de estabelecer as mais distintas relações com os livros, explorando toda sua materialidade, atribuindo sentidos e significados aos seus modos próprios de realizar uma leitura sensível e lúdica, que envolve também uma exploração corporal e gustativa.

Abramovich (1991) também considera que,

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtiños, poemas sonoros e outros mais... contados durante o dia – numa tarde de chuva, ou estando todos soltos na grama, num feriado ou domingo – ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz amada (ABRAMOVICH, 1991, p.16).

A luz, do que nos coloca a autora, é importante entender que a oralidade deve existir sempre na vida da criança para que ocorra o seu interesse por histórias, livros, leituras, sendo os adultos decisivos neste processo de iniciação da criança no mundo letrado.

Vamos tomar banho? Vamos tirar o cocô? Agora vamos dormir! Era uma vez... Para Maria Emilia López (2016, p.14) “Narramos para sobreviver, para compreender o significado das coisas que acontecem ao nosso redor, para organizar o tempo.” Por este motivo, desde muito pequeninhas as crianças precisam experimentar o contato com as narrativas, pois os bebês possuem uma sensibilidade intensa, que os torna um sujeito participativo como leitor ouvinte, sendo necessária que a narrativa seja uma prática cotidiana da sua vida.

O adulto, é para a criança um agente importante no processo de inserção no mundo e estimulá-la oralmente, seja com cantigas, músicas e também com histórias, proporcionando a elas um momento de intimidade, proximidade e carinho, ao mesmo tempo em que estabelece um dos seus primeiros contatos com as palavras. Vigotski (2007) sinaliza que a troca de experiência entre a criança e o adulto possibilita o seu desenvolvimento emocional, que acontece por meio de etapas ao estabelecer a interação com o adulto. Neste movimento a criança progride, cresce, amadurece, vai vivendo novas experiências que internalizadas ficam registradas em sua memória.

Neste sentido, quando adultos e crianças compartilham palavras, os pequenos iniciam um processo de assimilação de um vocabulário cada vez mais rico e um

pensamento progressivamente mais complexo. Por isso, é fundamental conversar com a criança, contar história que despertem o seu interesse para que entrem em um mundo que apenas ela conhece e compreende. Ao mesmo tempo, prestar atenção ao que elas falam e dialogam sobre os fatos e os objetos que as cercam. Neste movimento de troca vai se desenvolvendo sua percepção sobre o mundo, linguagem e pensamento.

O momento de ouvir uma história deve ser momento de desfrutar o prazer de estar junto, numa atividade gostosa. Os contos infantis promovem o sucesso das crianças no campo da autoestima, da identidade cultural, da independência e da capacidade de lidar com o mundo a sua volta. Igualmente, permite que a criança consiga lidar com seus pensamentos, proporcionando o seu interesse pela leitura, ao passo em que são estimuladas para a formação de bons e futuros leitores.

Cabe, ainda, salientar que a contação de histórias nunca deixou de ser um recurso sedutor e atrativo para a criança, todas as crianças adoram ouvi-las, mesmo que seu tempo de concentração seja breve. No entanto, saber escolher e planejar uma boa história, utilizar os recursos necessários para despertar na criança o seu interesse pode aproximar a criança tanto do adulto, quanto do mundo da leitura. Ao se encantar com narrativas, as crianças encontrarão o caminho dos livros, das leituras, das histórias divertidas, emocionantes, intrigantes, assustadoras.

Nem todas as crianças, têm sua primeira experiência em ouvir histórias no berço familiar. Muitas usufruem desta prática apenas no espaço institucional, pois muitas famílias estão sobrecarregadas de trabalho, chegam a casa depois de um dia exaustivo e acabam por não sentirem ânimo e energia para contar histórias.

Deste modo, destacamos a importância das instituições de educação infantil na formação integral do sujeito criança que, mesmo pequeninhas, precisam estar apoiadas em uma relação de cuidados afetivos, de experiências com as palavras e olhares compartilhados. São nestes momentos de troca e contato com a leitura, que o adulto se aproxima da criança, desnudo de qualquer outra intenção que não seja promover os primeiros vínculos de carinho, desenvolvendo, não só o equilíbrio psíquico, afetivo, cognitivo delas, mas sua inserção no poético mundo da imaginação.

Sonhar, imaginar, sentir, são contribuições essenciais que a leitura de um livro permite para que a criança embarque no mundo poético do faz de conta.

Consideramos com isso, que são muitas as formas de expressão que contextualizam a vida das crianças, o avanço das crianças nos seus processos de

aprendizagem depende muito da compreensão e do respeito que teremos para com seus modos próprios de brincar e ler o mundo. Da maneira como falamos e estabelecemos relações com elas, conhecendo os seus saberes, suas histórias, experiências, desejos, brincadeiras conseguimos nos sentir preparadas e legitimadas para selecionar materiais e planejar situações e atividades que contribuam para o seu processo de inserção no mundo, num movimento de trocas, as quais as crianças possam participar ativamente e aprender de maneira significativa.

A contação de história caracteriza-se nesse sentido como uma ferramenta que permite ao professor essa ativação da criança enquanto partícipe da sua educação, na medida em que auxilia na ampliação da sua linguagem, possibilitando a construção dos novos significados pelas palavras ouvidas de um sujeito mais experiente. Nesta interação da criança ouvinte com o sujeito falante, são incorporadas informações que enriquecem o seu vocabulário infantil, auxiliando na compreensão de si, do outro, bem como no desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

A oralidade e a escrita são duas modalidades que fazem parte da relação da criança e seu meio social, enquanto linguagem comunicativa, falar e escrever torna-se a marca dos seres humanos, aproximando-os e afastando-os de diferentes formas, já que tanto a modalidade oral quanto a modalidade escrita ocupam um papel importante na constituição do sujeito.

Deste modo, podemos considerar que a linguagem e os enredos literários oferecem à criança a possibilidade de sucesso pessoal, pois ela viverá nos personagens da história aquilo que mais lhe atrai, sem receio de ser assistida pelo adulto aprendendo a lidar com seus problemas em diferentes tempos e espaços. Tendo esta clareza, o adulto manterá a criança relacionada com o real, para que tenha consciência de si, no sentido de elevar sua autoestima, identidade psicológica e social. Portanto, é importante o olhar atento do adulto para o que a criança faz, para que se sinta encorajada no que é possível realizar.

Sendo assim, conversar com as crianças, contar história desde bebês caracteriza-se uma ferramenta pedagógica importante no âmbito educacional, por permitir ao professor, não somente entrar no universo das crianças, mas ampliar sua linguagem com vistas compreender a abstração do pensamento infantil. Vigotski (2000) menciona que a palavra não é simples vestimenta de conteúdos internos do sujeito, mas nela o pensamento ganha extensão, vida e materialidade.

Deste modo, ter contato com a literatura infantil especificamente com a contação de histórias, as crianças se familiarizam com a forma linguística mais elaborada, pois, essa relação com a linguagem deve ser uma meta pedagógica principalmente na educação infantil. Portanto, é inegável a importante contribuição que a contação de histórias exerce na vida da criança, sendo necessário deixar a criança manusear, folhear, buscar, achar, separar, repensar, rever, reescolher, até se decidir por aquele volume, aquele autor, aquele gênero, que naquele determinado dia lhe desperta a curiosidade, à vontade e a inquietação (ABRAMOVICH, 1991).

O profissional da educação, quando passa a ser contador de história, faz do exercício de contar a sua maneira de falar, deixando de ser uma pessoa que simplesmente penetrou no mundo da criança, para se tornar um dos protagonistas da história.

Calvacanti (2002, p. 83) no seu livro caminhos da literatura e juventude deixa claro que

Contar história é algo que caminha do simples para o complexo e que implica estabelecer vínculos e confiança com os ouvintes. Contar história é confirmar um compromisso que vem de longe e por isso, atividades relacionadas às contações de histórias devem ser desenvolvidas com muito critério.

Cabe, ainda, salientar que nem sempre a contação de história é entendida pelo professor como uma prática estimuladora das múltiplas aprendizagens infantis, sendo necessário um reencontro deste com os múltiplos e possíveis caminhos que um bom livro oferece a criança para a sua capacidade de formação cognitiva, linguística, comunicativa e psicológica.

Neste âmbito, faz-se necessário implementar práticas pedagógicas prazerosas e regulares, como; contar e ler textos dos contos de fadas para garantir uma relação bem sucedida com as crianças, visto que a leitura é ferramenta instrumental de múltiplas aprendizagens. Para isto, cabe-nos uma revisão no acervo teórico que embasa nossa formação como professores, ao mesmo tempo em que tratam sobre o entendimento da importância dessa prática na vida da criança. Portanto, antes de qualquer contação de história, é necessário que se prepare um espaço de acolhimento para as crianças, com vistas a possibilitar que viajem para o mundo da imaginação, ao mesmo tempo para que o narrador sintam-se convidado também a conhecer os segredos que serão revelados pelas crianças.



Goulart (2005) revela que a falas de crianças têm nos ensinado muito a respeito de seus modos de aprender e pensar sobre a própria linguagem, os outros e o mundo. A compreensão destes aspectos contribui, sobremaneira, para a prática do professor que ao passo em que desenvolve uma relação de afetividade no convívio coletivo da educação infantil, oferece à criança a oportunidade de demonstrar seus reais sentimentos e emoções.

Vigotski (2000, p. 146) afirma que,

O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que são a inteligência e a vontade. O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quando descoberta do cálculo diferencial.

Portanto, quando contamos uma história para as crianças precisamos transportar sentimentos de afeto, permitindo-as interagirem com a narrativa, e assim, contribuir para que se tornem sujeitos melhores e sadios emocionalmente, isso significa dizer que é incentivando-as a fazer parte da história que compartilharemos de seus fracassos e suas vitórias.

Os contos de fadas, por exemplo, auxilia as crianças pequenas expressar seus sentimentos, contribuindo para que as mesmas possam progredir e enriquecer suas experiências e entendimento de questões como morte, sentimentos de inferioridade, rivalidade entre irmãos, identidade e aceitação pessoal. Nas palavras de Walter BENJAMIN, (apud DEBUS, 2006, p. 67)

O feitiço libertador do Conto de Fadas não põe em cena a natureza como uma entidade mítica, mas indica a sua cumplicidade como homem liberado. O adulto só percebe essa cumplicidade ocasionalmente, isto é, quando está feliz; para a criança, ela aparece pela primeira vez no Conto de Fadas e provoca nela uma sensação de felicidade.

Deste modo, histórias engraçadas, tristes, divertidas, de aventuras, entre tantas outras, que apetezem os ouvidos das crianças, tornam-se de grande importância para sua constituição pessoal e coletiva, até mesmo para resolução de assuntos conflitantes e perturbadores que muitas vezes interferem na sua vida e que precisam do seu enfrentamento para que compreendam e saibam lidar com essas situações agora e na vida adulta.

## 5. CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO CRIANÇA COMO LEITORA

No decorrer da pesquisa, fomos tecendo algumas compreensões acerca da importância da contação de história para as crianças desde tenra idade. O caminho fortaleceu o entendimento que as histórias tornam-se uma ferramenta significativa da prática pedagógica do professor, no sentido de contribuir para dar continuidade ao processo de ampliação do repertório comunicativo da criança com o mundo, e assim, constituí-la como sujeito social e histórico. Para Chagas (2006, p. 68) o processo de comunicação acontece mediante a produção da linguagem e, portanto, a linguagem,

[...] é uma característica fundamental dos seres sociais e, concomitantemente, ela possibilita a comunicação, na qual intervêm múltiplos aspectos; há uma intenção, uma finalidade que permite superar o mero “estoque” de palavras. Assim, as palavras configuram a expressão dos sentidos e da existência como portadoras de necessidades. Por isso, a linguagem permite aos seres sociais “dizer algo”; esse dizer é uma forma de nos comunicarmos com o mundo e com os outros “no mundo”.

Ressalta-se, diante deste entendimento, que as histórias fazem parte da vida da criança desde cedo, alimentando sua imaginação e a fantasia. Isto revela a importância que o adulto tem no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças na primeira infância, é por esta razão que a instituição de educação infantil caracteriza-se como espaço privilegiado para que o processo de comunicação e compreensão da sua realidade aconteça.

As Instituições de Educação Infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que, essas histórias se constituem em rica fonte de informação para conhecer uma história da vida real dela.

Deste modo, a concepção ampla de narrativa no espaço institucional permite reconhecer que a atividade narrativa está presente na vida dos seres humanos desde o seu nascimento. São vários os momentos na vida das crianças em que se pode objetivar sua significativa presença.

Diante disto, o encontro entre a criança, o professor e o livro infantil no espaço coletivo da educação infantil torna-se uma necessidade contínua, porque nessa fase escolar a criança se encontra em processo de aprendizado e de desenvolvimento de suas capacidades, ou seja, ela necessita dessa relação com a literatura para no futuro ser críticas, criativas e atuantes e leitoras. Cabe aos professores, das instituições de educação infantil, organizarem diferentes espaços e tempos que promovam experiências diversificadas em que as crianças possam perceber a escrita em sua função social, processo este, que antecede a técnica do ensino dos procedimentos da escrita formal (MELLO, 2012, GONÇALVES, 2016, CHAGAS, 2006).

Deste modo, a educação infantil passa a ser o lugar de incentivo a essas habilidades, potencializando principalmente a mediação da criança com outras linguagens, bem como, envolvendo-as afetivamente com os personagens reais da sua vida.

A contação de história é uma realidade interdisciplinar e muitas de suas manifestações estão relacionadas com outros modos de expressão (o movimento, a imagem, a música) que formam a bagagem comunicativa da criança desde seus primeiros anos. O estímulo que a literatura infantil proporciona são os alicerces da comunicação para se relacionar com o mundo exterior e de um modo fundamental para o desenvolvimento afetivo. (ABRAMOVICH, 1997, p. 16).

Fonseca (2004) explicita que, muitas crianças que chegam às instituições de educação infantil estão “cheias de motivação e expectativas para o novo, o lúdico e o prazeroso”, trazendo consigo suas experiências de vida. Esta motivação tão característica da criança deve ser aproveitada pelo professor com vistas contribuir com a sua constituição enquanto sujeitos sociais e históricos. Além disso, as crianças carregam saberes “linguísticos desde seu nascimento e esperam a oportunidade de vivenciarem na literatura a emoção e a descoberta do mundo da fantasia e imaginação” (FONSECA, 2004, p. 46)

Por esta razão, a instituição de educação infantil deve tomar como parte da sua função incentivar e dinamizar momentos em que a criança possa escutar histórias, uma vez que “A história educa, socializa, informa, aquieta e prende a atenção, levando a infância ao mundo fantástico”. (ABRAMOVICH, 1997, p. 99).

Essa constatação levantada pelas autoras no decorrer do estudo, também contribuiu para a compreensão de que as narrativas permitem uma reelaboração criativa das crianças, o que torna o professor um agente ativo e colaborador durante o período em que frequentam o espaço da instituição infantil, sendo ele o responsável por criar um

universo de expectativas e motivações, visando motivá-las na produção de sentidos sobre o mundo.

Sobre isso ressaltamos as palavras de Abramovich (1997, p. 168) ao considerar que,

Diante disso, pode-se dizer que é possível construir conhecimento com a literatura infantil, desde que o professor utilize procedimentos que estimulem o imaginário reafirmando-se, o fascínio por contos, fábulas que propiciem as crianças à capacidade de narrar por si sós as histórias, facilitando-lhes o discernimento do real e imaginário.

Muitas vezes, quando contamos histórias para as crianças, elas estão fazendo relação com o que já conhecem, produzindo conhecimento e dando significado ao que ouvem, portanto, os professores precisam dar atenção especial para o momento da contação de história, pois além de ser um instrumento rico em conhecimentos é uma maneira gostosa de fazer a criança compreender o mundo, ampliando sua visão sobre tudo que a rodeia. As histórias, também propiciam o desenvolvimento da habilidade crítica e reflexiva - “É ouvindo histórias que a criança pode também sentir emoções importantes, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, alegria, a tranquilidade.” (ABRAMOVICH, 1991, p.88)

Outro aspecto, que precisamos levar em conta quanto à prática de contar história na educação infantil, é o incentivo que esta provoca na criança para a formação do leitor. Com isso, concordamos com Gonçalves (2016, p. 1) ao explicitar que,

Pensar possibilidades de propostas pedagógicas que promovam a interação dos bebês no contexto educativo da creche com o objeto livro [com as histórias] é fundamental para que as crianças experimentem os distintos gêneros literários, ensaiando seu papel de leitor – e também se constituindo como tal.

Nessa linha de pensamento ressaltamos, também, as palavras de Abramovich (1997, p. 16) que destaca a necessidade da criança ir se constituindo leitora na interação com esse outro que lhe conta histórias e lhe apresenta seus suportes diferentes. A autora afirma,

Como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

Cabe considerar, diante do exposto, que na educação infantil a contação de histórias, torna-se uma atividade comunicativa e de interação. Por meio dela, as crianças se apropriarão de conhecimentos culturalmente produzidos como costumes, tradições e valores capazes de estimular a sua formação como cidadã.

Talvez este se constitua um dos maiores desafios na educação para os professores, compreender que a prática do contar história possibilita muitos benefícios para a formação integral da criança, não apenas como incentivo para a formação do leitor, mas para ampliação do seu universo social.

Sobre isso, evidenciamos as palavras de EGAN (2009, apud CHAGAS, 1994, p. 50) ao mencionar que “A preocupação centra-se na premissa de que existe na educação uma sobrevalorização do aspecto cognitivo e, portanto, uma desvalorização do afetivo.”.

Cabe destacar com isso que, o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças é permeado de sentimentos, sendo necessário construir estratégias que favoreçam o enriquecimento da linguagem literária da criança, ao passo em que esta abre um leque de conhecimentos que precisarão da intervenção do professor como mediador de múltiplas aprendizagens.

O professor exerce papel fundamental dentro do processo de aprendizagem em relação à literatura infantil, ele precisa ser o parceiro, intercessor e articulador de muitas e diversas leituras, e saber que a literatura serve como fonte de enriquecimento da afetividade, que se manifesta no momento em que as histórias são contadas e as crianças interagem com seus pares.

Dito isto, enfatizamos como caminho dessa aventura a utilização dos contos, das histórias e das narrativas na medida em que o ato de contar histórias, além de ser uma forma de proporcionar aos pequenos momentos de prazer e diversão, rompendo as barreiras do assustador, é um instrumento motivador, capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade.

Diante do exposto, não podemos desconsiderar que vivemos um período histórico de grandes avanços no âmbito das políticas públicas para a educação das crianças pequenas. Hoje, lhes são garantido o status e reconhecimento legal enquanto sujeitos históricos e de direitos, estas mudanças também provocaram a necessidade da construção de uma nova identidade para os professores, que com elas percorrem os caminhos da educação infantil, implicando repensar em estratégias pedagógicas que contribua na formação do sujeito criança.

Vislumbramos com este entendimento, o quanto é necessário ao professor ter preocupação com a criança no âmbito da educação escolar, disponibilizando a ela, textos adequados a sua faixa etária para que possa revelar suas emoções, sentimentos, sentidos e significados sobre sua vida.

Por meio da contação de história realizada na educação infantil, os professores conseguem contribuir para desenvolver na criança a imaginação, a criatividade, a oralidade, além de incentivar o gosto pela leitura, permitindo a ampliação do seu repertório cultural e vivencial, bem como o desenvolvimento subjetivo da sua formação humana, física, motora, afetiva e social.

Esta afirmativa respalda-se na concepção de Girardello, (1998, p. 57), ao considerar que,

A atividade de contar histórias está diretamente ligada à imaginação e à literatura, assim como à ampliação do repertório cultural e a criação de referenciais importantes ao desenvolvimento subjetivo das crianças.

Deste modo, cabe considerar que, por meio da prática da contação de história realizada para a criança desde muito pequenininhas, vão se concretizando a capacidade oral de comunicação com seus pares e com o mundo, permitindo que desde bebês sejam capazes de estabelecer relações – interagindo com pessoas e objetos da cultura humana (VYGOTSKI, 1995; MUKHINA, 1995).

Torna-se significativo rever a nossa compreensão a cerca da educação literária na primeira infância, com vistas a repensarmos a oferta e a importância de apropriarmos os materiais que de fato contribuam para o desenvolvimento das habilidades linguísticas das crianças, sem que nela esteja implicada a ideia de antecipação da escolarização.

A prática de contação de história caracteriza-se como uma ferramenta importante que aproximar a criança do mundo, uma vez que, desde pequenas, demonstram seu interesse por histórias, batendo palmas, sorrindo, sentindo medo ou imitando algum personagem. A contação de história constitui-se, neste sentido, fundamental na sua formação.

Segundo LÓPEZ (apud GUIMARÃES, 2016, p. 62) a criança imita aquilo que faz sentido para ela, expondo uma determinada interpretação daquilo que imita. Por iniciativa própria, não imita qualquer ato, em qualquer tempo. O ato de imitar, ao mesmo tempo em que se apoia no outro, mostra a atenção e a participação na realidade circundante, revela a potência criadora de quem imita. Coloca-se como resposta,

comprometida com o outro, mas se deslocando dele também; vai em direção a um sentido do novo.

Deste modo, um bom livro de história torna-se uma ferramenta auxiliadora na prática do professor, sendo necessário que perceba que o processo de humanização das crianças perpassa na relação com o outro e por meio da prática da contação de história, em que as qualidades típicas do gênero humano irão se constituindo.

Sendo assim, as crianças podem construir a partir do encontro com a literatura um sentido que a aproxime

[...] de instrumento cultural essencial na apropriação da experiência humana acumulada (...) do processo de humanização que cada um precisa viver para formar para si as qualidades humanas em suas máximas possibilidades. (MELLO, 2011, p.48).

Depreendemos daí que, as crianças precisam vivenciar a prática da leitura desde pequeninhas como o leitor autônomo, para que aprendam desde cedo a tecer narrativamente sua experiência e constituir-se como sujeito (GIRARDELLO, 2003), sendo igualmente importante que o mediador de leitura oportunize o contato delas com o livro, pois, segundo Kramer (2010, p.34)

A importância da convivência das crianças com a literatura desde o berçário, ou seja, a premissa de que a oralidade pode anunciar o prazer da leitura e, portanto, o papel do contador de histórias é dos mais fundamentais na alfabetização.

Por tudo isto, consideramos ser relevante o momento da história na educação infantil, na medida em que a criança passa a construir um vínculo afetivo com o contador das histórias e com o espaço escolar, num contexto prazeroso, aconchegante e desafiador, proporcionando uma experiência gostosa, na descoberta do mundo das histórias e dos livros. Como nos é citado por Girardello (2014, p.38)

Toda narração de histórias tem sempre um forte componente lúdico. Quem conta faz um pacto com quem ouve, dando-lhe a mão, instalando-o em um tapete voador e levando-o junto em uma viagem de alegria dramática. Mesmo que a história não seja muito feliz nem engraçada, contá-la e ouvi-la envolve o prazer de compartilhá-la com as outras pessoas que a seguem junto conosco, amontoadas no mesmo tapete.

Por tudo isso, podemos considerar que a contação de história é atividade própria de incentivo à imaginação e o caminho entre a fantasia e o real, por onde as andanças do imaginário nos permite voar.

Ao preparar uma história para se contada às crianças, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa, e juntos vamos ampliando nossa experiência vivencial por meio da narrativa da história contada. (GIRARDELLO, 2014).

Os fatos, as cenas e os contextos transcendem a ficção e se materializam na vida real. A contação de histórias é uma atividade fundamental que transmite conhecimentos e valores para as crianças, sua prática no cotidiano das propostas pedagógicas do professor é decisiva na formação e no desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa apresentada neste trabalho proporcionou a compreensão da importância da contação de história na vida da criança desde muito pequenas, uma vez que, esta prática contribui significativamente para a sua constituição, no que tange os aspectos cognitivos, psicológicos, sociais, emocionais, criativos, críticos, linguísticos e culturais.

O ato de contar história se apresenta para as crianças um momento em que podem voar para um mundo mágico de descobertas. O livro infantil é fonte de inspiração, divertimento e de informação. Por este motivo, devemos considerar o momento de contar história, como um momento em que a criança satisfará suas necessidades de conhecimento e aprendizagens.

Também foi possível compreender o importante papel que a educação infantil tem no processo de formação da criança como sujeito histórico e cultural, na medida em que se torna um espaço privilegiado de interação desta com diferentes linguagens, sendo a contação de história uma delas.

Nos últimos anos a educação infantil tem demonstrado uma preocupação concernente ao trabalho pedagógico dos profissionais que atuam na área, exigindo um olhar intencional para e com as crianças, no sentido de ampliar seu repertório vivencial, o que implica reconhecer a sua importância no processo de interação e socialização da criança com seus pares.



Esse movimento de renovação e reconhecimento da educação infantil no âmbito das políticas públicas como espaço educativo, possibilitou também a compreensão que o trabalho docente constitui-se fundamental no processo de desenvolvimento da criança, uma vez que se destaca a importância deste sujeito como mediador de múltiplas aprendizagens infantis.

Por tudo isso considerou que o professor, a criança e o livro didático formam um tripé. Quando adultos e crianças compartilham palavras, os pequenos iniciam um processo de assimilação de um vocabulário cada vez mais rico e um pensamento progressivamente mais complexo.

Desse modo, um novo olhar se forma para compreender que a educação das crianças desde bem pequenas deve valorizar as interações, as diferenças e as múltiplas linguagens que são compartilhadas por elas no cotidiano da instituição, sendo as histórias infantis uma ferramenta que contribui na compreensão da realidade social e cultural delas.

Diante disso, destacamos que esta pesquisa em nossa formação como professora da Educação Básica contribuiu para aprofundar e compreender a contação de história na constituição da criança leitora desde tenra idade e sobretudo, o papel da educação infantil que é o de promover o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças, possibilitando que se sintam sujeitos colaboradores da sua própria cultura e das culturas adultas, para que se sintam parte da sociedade e saibam da sua importância como sujeito social, histórico e de direitos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

BARROS, P. R. P. D. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro Universitário Católica Salesiano. Lins, 2013. Acesso em 22 set 2017.

BUSATTO, C. **Pequenos segredos da narrativa / Cléo Busatto** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. P.9.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental. **Conhecimento De Mundo Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil**. V. III. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juventude: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

CHAGAS, L. M. .M. **A Língua Materna na Primeira Série do Ensino Fundamental: As narrativas como uma fonte da imaginação criadora**. Tese de Doutorado. São Paulo. 2006.

COSTA, C. M. **Infância, Criança, Escola nas pesquisas educacionais sobre narração de histórias**. Dissertação de Pós-Graduação. Florianópolis. 2009.

COELHO, N. N. **A literatura infantil: história, teoria, análise**. 3. ed. São Paulo: Quíron, 1984.

CORSO, D. L, CORSO, M. **Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis**. Ed. Artmed. Porto Alegre. 2006.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. 13. Ed. São Paulo: Ática, 2006.

CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. 18 ed. São Paulo: Ática, EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. 2 ed. São Paulo: Martins fontes, 1991.

DEBUS, E. **Festaria de Brincança: a leitura literária na Educação Infantil**. – São Paulo: Paulus, 2006. P. 67.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIRARDELLO, G. E. P. **Televisão e Imaginação Infantil: Histórias da Costa da Lagoa**. 19 8. 349 p. Tese (Doutorado em Comunicação) Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.

GIRARDELLO, G. **Infancia: Imaginação e educação em debate**. Celdon Fritzen. Glair da Silva Cabral(org.) - Campinas, SP: Papirus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Imaginação: Arte e ciência na infância.** Revista Pró-posições. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

\_\_\_\_\_. **Uma Clareira No Bosque: Contar histórias na escola.** Campinas, SP: Papyrus, 2014.

GONÇALVES, F. **Bebês Entre Livros: as relações dos bebês com os livros no contexto da educação infantil.** Reunião Científica Regional da ANPED. Educação, movimentos sociais e políticas governamentais. UFPR – Curitiba/Paraná. 2016.

GOULART, C. M. A. **Educação Infantil: “nós já somos leitores e produtores de textos”.** Revista Presença Pedagógica, v. 11, n. 63, Belo Horizonte/MG: Editora Dimensão, mai./jun.de 2005.

KHEL, M. R. **Fadas no Divã.** Prefacio . In D. L. Corso, Porto Alegre: Artmed. 2006.

LÓPEZ, M. E. **Bebês como leitores e autores.** - 1.ed. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - Brasília: MEC / SEB, 2016. (120 p) - Coleção Leitura e escrita na educação infantil; v.5).

MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil.** São Paulo: Summus, 1979.

MELLO, S. A. **Uma teoria para orientar o pensar e o agir docentes: o enfoque histórico-cultural na prática de educação infantil.** In: CHAVES, M. Intervenções Pedagógicas e Educação Infantil. Maringá: EDUEM, 2012, p.48.

MORTATTI, M. R. L. **Na história do ensino de literatura no Brasil: possibilidades para o século XXI.** Educar em Revista, Curitiba, n. 52, abr./jun. 2014. Disponível em: [www.scielo.br/scielo.ph](http://www.scielo.br/scielo.ph) - Acessado em: 20 de outubro de 2018.

MUKHINA, V. **Leis fundamentais do desenvolvimento psíquico.** In: \_\_\_\_\_. Psicologia da idade pré-escolar: um manual completo para compreender e ensinar a criança desde o nascimento até os sete anos. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes: 1995. p. 35-70.

OLIVEIRA, F. R. **História do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no estado de São Paulo, Brasil (1947-2003).** 2014. 343, 39 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/121930>>.

SILVA, L. A. **A Roda De Histórias: pelo direito de viver a infância no Colégio de Aplicação – UFSC.** Tese de doutoramento. Orientador, Lourival José Martins Filho – SC, 2018.

SPENGLER, M. L. P. **Alçando Voos Entre Livros de Imagem: O Acervo do PNBE para a Educação Infantil.** Tese de Doutorado. Orientadora, Eliane Santana Dias Debus - SC, 2017.

VIGOTSKI, L. S. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança.** Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, 8 (2001).

ZILBERMAN, R. Como e por que ler a literatura infantil brasileira. Rio de Janeiro, R.S.: Objetiva, 2005.